



PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: REPERCUSSÕES DO ESTRESSE DE MÃES ATÍPICAS

Lauren Dietrich Lorenz da Silva¹

Maria De Lourdes Borges²

Resumo

O estudo teve como objetivo comparar as repercussões do estresse em mães de indivíduos autistas. Trata-se de uma revisão sistemática, realizada nas bases de dados SciELO e Lilacs, com inclusão de 25 artigos publicados entre os anos de 2007 e 2024, exclusivamente em língua portuguesa, sendo excluído outros idiomas. Na metodologia, foi utilizado o checklist Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta Analysis Protocols-PRISMA-P para compor todos os dados importantes na revisão. Os resultados indicam que as mães são afetadas pelo estresse e sobrecarga emocional. As principais categorias de análise identificadas são: os impactos da sobrecarga emocional, a parentalidade e as dinâmicas familiares, as experiências vivenciadas, adaptações e estratégias de enfrentamento. Embora alguns estudos apontem avanços na mensuração do impacto do estresse vivenciado pelas mães, ainda há uma carência de evidências científicas mais aprofundadas sobre os mecanismos de enfrentamento e seus determinantes.

Palavras-chave: Mães. Estresse. Autismo.

¹ Graduanda de psicologia da Universidade La Salle, E-mail lauren.silva0095@unilasalle.edu.br e laurenlorenz02@hotmail.com, Orcid 0009-0005-5668-4346. Trabalho de Conclusão de Curso, Semestre 2025/1.

² Psicóloga, doutora e mestre em Administração. Professora da graduação de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. E-mail: maria.borges@unilasalle.edu.br e maluborg@gmail.com e Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1277-5773>.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a OMS (2019), no CID-11, os transtornos mentais, do neurodesenvolvimento e comportamentais, são sintomas definidos por alterações clinicamente pertinentes na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo, que surgem devido às disfunções nos processos psicológicos, biológicos ou nos desenvolvimentos subjacentes que sustentam a funcionalidade mental ou comportamental. Comumente esses transtornos estão ligados a impactos negativos na qualidade de vida, interferindo na capacidade pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional essenciais da rotina e do funcionamento. Os transtornos do neurodesenvolvimento, de acordo com o CID-11, são sintomas cognitivos e comportamentais, que estão evidenciados através do tempo de desenvolvimento que abrange problemas notáveis na execução e aquisição de funções cerebrais, motoras, de linguagem ou sociais específicas. Sendo formados por: Deficiências Intelectuais (DI); Transtornos da Comunicação; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH); Transtorno Específico da Aprendizagem e os Transtornos Motores (APA, 2014).

O Transtorno de Espectro Autista (TEA), conforme com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR, se caracteriza pela dificuldade persistente na interação e comunicação social, além do padrão de comportamentos restritos e repetitivos, atividades ou interesses. Esses prejuízos são notados na primeira infância, que limitam e afetam o funcionamento diário. O diagnóstico se baseia em múltiplas fontes, como observações clínicas, relatos de cuidadores e, quando viável, autorrelato. Os sintomas do transtorno variam conforme a gravidade, o desenvolvimento e a idade cronológica, portanto, o uso do termo espectro (APA, 2023).

Este artigo refere-se ao contexto de indivíduos do Espectro Autista (TEA), no que se refere aos efeitos da parentalidade. O conceito da parentalidade começou a ser usado no Brasil, a partir de 1980 segundo o autor Gorin et al (2015), surgindo da tradução do termo em francês *parentalité*, como um neologismo. Conforme mencionado por Houzel (2004), tem raízes no trabalho de Paul-Claude Racamier (1961), que destacou seu caráter processual no exercício das funções parentais. Na atualidade, essa ideia é amplamente utilizada em diversas abordagens teóricas para descrever a jornada de tornar-se pai e mãe, indo além do aspecto biológico. Esse

processo envolve dimensões conscientes e subconscientes influenciadas pela história familiar dos progenitores e pelo contexto sociocultural em que estão inseridos

Diante do diagnóstico, algumas famílias podem se adequar positivamente à realidade na adaptação com o filho, com necessidade especial e outras podem vivenciar o processo de cuidado com profundo desgaste e desajuste familiar (Matsukura; Sime, 2008). Dado esse momento, a mulher passa a ser considerada uma mãe atípica, nesse contexto as responsabilidades comuns da maternidade se tornam desafios diários, vivenciando demandas emocionais, físicas e sociais adicionais que surgem em consequência da condição de seu filho (Teixeira, 2020).

A dificuldade de comunicação é um dos desafios no contexto do TEA, assim como a necessidade constante de adaptar a rotina do filho, lidar com comportamentos interferentes e os crescentes gastos com o tratamento adequado. Segundo Vasilopoulou e Nisbet (2016), a qualidade de vida das mães é consideravelmente menor (aproximadamente 75%) do que a dos pais na maior parte dos estudos no contexto do TEA. Isso é consolidado na literatura que sugere que mães de crianças com deficiência apresentam menor qualidade de vida e bem-estar (Mungno 2007 ; Yamada, 2012) e índices mais elevados de ansiedade comparado aos pais (Hastings, 2003).

Diante disso, as mães podem sentir-se sem uma rede de apoio, até mesmo por parte do cônjuge, o que intensifica a exaustão e o sofrimento psíquico que enfrentam. Os indivíduos com TEA encontram maior dificuldade em realizar algumas atividades ditas comuns, acentuando-se a necessidade de cuidados e a dependência para com os pais ou cuidadores. Dessa forma, para se adaptar às limitações e necessidades específicas da criança com autismo, a família necessita de constantes mudanças na sua rotina diária (Fávero; Santos, 2005; Schmidt; Dell'Aglio; Bosa, 2007). Almeida (2023) ressalta que, as mães em situação de vulnerabilidade apresentam, sinais tais como ansiedade, depressão e estresse, sendo prejudicial para sua saúde e o vínculo com seus filhos. Portanto, a literatura aponta que a mãe é o membro da família que mais faz adaptações em seus papéis e em suas rotinas de vida, diante do tempo de dedicação e cuidado com seu filho com necessidades especiais (Matsukura *et al.*, 2007; Misquiatti *et al.*, 2015).

Devido às demandas intensas dos cuidados, as mães de indivíduos com TEA podem sentir um impacto significativo em sua autoestima e identidade, enfrentando

desafios emocionais e sociais adicionais, como frustração e isolamento (Kintope; Borges; De Souza, 2020). Smeha e Cezar (2011) reforçam a importância de criar estratégias de intervenção que possibilitem a essas mulheres amenizar suas angústias e incertezas.

Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho visa **compreender como o estresse repercute na saúde mental de mães atípicas conforme uma revisão sistemática.**

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mães atípicas e indivíduos TEA

Para compreender a origem do conceito autismo, é essencial revisar os principais acontecimentos históricos que levaram a sua definição. Segundo Evêncio e Fernandes (2019) o termo autismo foi mencionado por Bleuler, em meados de 1910, marcando o ponto de partida das investigações para abordar critérios diagnósticos. Entretanto, apenas em 1913 foi publicado seu artigo nomeado “Pensamento Autístico” na renomada revista “The American Journal of Insanity”. Bleuler também contribuiu consideravelmente para o estudo da esquizofrenia, desenvolvendo o conceito na base de observações de comportamentos constantes em indivíduos acometidos pelo transtorno. Apesar do texto de Bleuler nunca ter sido publicado ou traduzido no Brasil, foi fundamental nas pesquisas em 1943 de Kanner em 1944 de Asperger (Piccolo, 2024).

De acordo com Donvan e Zucker (2017), na década de 1940, a psiquiatria incluiu a fase da infância, como importante fase de investigação clínica. Leo Kanner se destacou nos Estados Unidos como um renomado psiquiatra infantil, introduzindo um método de trabalho inovador em relação às práticas convencionais da época. Entre suas principais estratégias diagnósticas, a anamnese assumiu um papel fundamental, priorizando a análise detalhada da história de vida do paciente. Esse processo envolvia registros sistemáticos de observação, visando aprimorar a precisão diagnóstica e orientar intervenções médicas mais eficazes.

Kanner introduziu a definição do Autismo infantil, sendo descrito inicialmente como transtorno específico, ao qual denominou Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, baseado na análise do estudo de um grupo ao total de 11 crianças, que

apresentavam deficiência intelectual, problemas afetivos e dificuldade relevante na interação social desde os primeiros anos de vida (Kanner, 1943, 1973). Foi observado neste estudo pelo Kanner (1943) que as crianças exibiam padrões de estereotípias motoras, rigidez a mudanças na rotina e presença de ecolalia como característica na comunicação. Segundo Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008), o pediatra austríaco Hans Asperger, na década de 1944, fez um levantamento em seu estudo, no qual descreveu um distúrbio que intitulou Psicopatia Autística, mencionada por transtorno severo, de comunicação, fala, interação social, dificuldades motoras e uma prevalência concentrada em indivíduos predominante do sexo masculino. Para fundamentar sua pesquisa, Asperger investigou alguns casos clínicos, abordando aspectos como histórico familiar, traços físicos e comportamentais, desempenho de testes de inteligência e destacando a relevância da abordagem educacional para o desenvolvimento desses indivíduos. Para melhor entendimento de ambos os pesquisadores e a importância deles e de suas publicações, a pesquisa de Asperger, estava vinculada ao Departamento de Educação Especial da clínica pediátrica, tendo como referência a Pedagogia Curativa de Rudolf Steiner, priorizando a interseção entre a psicologia e educação, entretanto já a pesquisa de Kanner, foi direcionada aos seus estudos para o diagnóstico do autismo dentro da abordagem psiquiátrica (Dias, 2015).

Na década de 1950, foi destacada por significativas pesquisas sobre o autismo, o primeiro foi através da publicação de Kanner no Tratado de Psiquiatria Infantil, destacando mais 38 casos semelhantes. Nesta obra, ele passou a referir-se ao transtorno como “Autismo Infantil Precoce”, complementando as descrições anteriores com mais características centrais, sendo elas: dificuldade na criação de contato social e tendência a interações e fixação em objetos ou pessoas (Rodrigues; Spencer, 2015). A seguir é apresentada a evolução da compreensão do autismo no Quadro 1.

Quadro 1 - A evolução da compreensão do autismo

Ano	O que	Descrição	Fonte
1910	Primeiros estudos	O termo autismo, foi sugerido pelo psiquiatra Bleuler para caracterizar os indivíduos na clínica psiquiátrica.	Evêncio e Fernandes (2019).

1940	Primeiros estudos	A área da psiquiatria inseriu o desenvolvimento da infância, como importante fase de investigação.	Donvan e Zucker, (2017, p. 47).
1940	Primeiros estudos	Nos Estados Unidos, o psiquiatra Léo Kanner se tornou referência pelo seu método de realizar primeiramente anamnese, para conhecer a história de vida do paciente.	Donvan e Zucker, (2017, p. 47).
1943	Definição	Ainda por Kanner, o Autismo infantil foi denominado como Distúrbio Autístico de Contato Afetivo.	Kanner (1943).
1944	Asperger	Apresentou no seu estudo, a definição de “Psicopatia autística”.	Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008).
1950	Publicação	Kanner publicou em torno de 38 casos “ o Tratado de Psiquiatria Infantil” denominado o transtorno de “ Autismo Infantil Precoce”.	Rodrigues e Spencer (2015).
1950	Diagnóstico	Entre as décadas de 1950 a 1960 o diagnóstico do autismo foi interpretado de uma forma errada, caracterizando os pais como “mães de geladeira”.	Klin (2006).
1950	CID-6	O número de categorias foi expandido para abranger também doenças não fatais, além de uma seção exclusiva destinada à classificação dos transtornos mentais.	Benedicto et al. (2013).
1952	APA	O autismo foi classificado no APA (American Psychiatric Association) como “Reação Esquizofrênica tipo Infantil”.	Dunker (2014).
1960		Pesquisas com evidências, começaram a sugerir que o autismo é um transtorno cerebral existente desde a infância.	Klin (2006).
1968	DSM II	Foi denominado na segunda edição, sem apresentar muita alteração de critérios como “Esquizofrenia tipo Infantil”.	Dunker (2014).
1978	Um marco na classificação	Michael Rutter propôs uma definição do autismo com base em 4 critérios.	Klin (2006).
1979	CID-9	Nesta edição a nomenclatura estava definida como “Psicose Infantil” ou “Síndrome de Kanner”.	Vargas Schmidt (2011).
1980	DSM- III	Pela primeira vez na 3ª edição do Manual de Diagnóstico dos transtornos mentais no DSM-III, reconhecendo o autismo como uma condição separada.	Klin (2006).
1989	CID-10	Adotou a terminologia “Autismo Infantil” e “Autismo Atípico nos Transtornos Globais do Desenvolvimento”.	Stelzer (2010).
1990	DSM-IV	Passou a ser compreendido de maneira mais clara sob a perspectiva de desenvolvimento,	Assumpção e Pimentel (2000) e Gadia,

		sendo evidenciado sua relação com déficit cognitivo.	Tuchman e Rotta, 2004.
2000	DSM-5	É retirado do livro a escala de Avaliação Global do Funcionamento. O Autismo passa a ser conhecido como, um transtorno de neurodesenvolvimento e denominado (TEA) Transtorno do Espectro Austista.	Araújo e Neto (2014).
2018	CID-11	Se mantém a nomenclatura TEA, (identificado pelo código 6A02), apresenta nova subdivisão para analisar a presença ou ausência de DI (Deficiência Intelectual).	World Health Organization (2025).
2023	DSM-IV-TR	Publicação atualizada do DSM.	American Psychiatric Association (2023).

Fonte: Evêncio e Fernandes (2019), Donvan e Zucker (2017, p. 47), Kanner (1943), Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008), Rodrigues e Spencer (2015) e Klin (2006).

Para compreender o processo de avaliação e o diagnóstico do autismo, é fundamental considerar a relevância do (DSM) Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais e o CID Classificação Internacional de Doenças (CID). Esses sistemas têm desempenhado um papel fundamental na padronização dos critérios diagnósticos. Ao decorrer dos anos, os critérios utilizados para o diagnóstico do autismo percorreram por diversas reformulações. Segundo Fernandes, Tomazelli e Girianelli (2020), essas mudanças foram inseridas nos manuais de classificação nosológica, sendo o DSM e a CID amplamente utilizados desde a década de 1980. As versões mais recentes, DSM-5 e CID-11, adotam uma perspectiva baseada no espectro do autismo. Essa mudança amplia os critérios diagnósticos, não focando somente nos aspectos comportamentais, mas considerando também os fatores cognitivos e de adaptação ao ambiente, como as atividades da vida diária e a funcionalidade. A seguir, no quadro 2, são apresentadas as características atuais do DSM-5-TR, para a avaliação.

Quadro 2 - Características dos critérios diagnósticos para o autismo

Característica	Descrição
a) Interação Social e Comunicação Social	Déficits na reciprocidade socioemocional, dificuldade para estabelecer uma conversa normal, emoções ou afeto, dificuldade de iniciar ou começar uma conversa, déficits de comportamentos comunicativos não verbais usados na interação social, não manter o contato visual, a ausência total de expressões faciais, déficits para desenvolver, manter ou compreender relacionamentos, dificuldade em compartilhar brincadeiras

	imaginativas, fazer amigos e ausência de interesse em seus pares.
b) Padrões restritos e repetitivos de comportamento	Movimento motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos, insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco e hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente.
c) Sintomas	Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento, entretanto podem permanecer pouco evidentes até as exigências sociais ultrapassam as habilidades limitadas.
d) Sintomas	Causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes no presente na vida do indivíduo.

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (5ª ed.) (DSM-5 TR, American Psychiatric Association, 2023).

A partir dos critérios apresentados no Quadro 2, o diagnóstico pode ser fechado, quando são analisados a gravidade do prejuízo através dos níveis classificados em:

a) Nível 1 - Exige apoio, na ausência os déficits na comunicação social são perceptíveis, tendo dificuldade para iniciar interações sociais, assim como, pode sentir interesse curto por interações sociais, dificuldade em fazer amizades, sendo geralmente falhadas. apresenta de forma significativa, a Inflexibilidade de comportamento, dificuldade em trocar de atividades, problemas para planejamento e organização se tornando obstáculos à sua independência.

b) Nível 2 - Exige apoio substancial, apresenta déficits graves de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais visíveis mesmo na presença de apoio, dificuldade em dar início a interações sociais, inflexibilidade de comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos e repetitivos aparecem com assiduidade, sofrimento ou dificuldade de mudar as ações ou o foco.

c) Nível 3 - exige apoio muito substancial, havendo déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, causando prejuízos graves de funcionamento, grande barreira em dar início a interações sociais e respostas mínimas a abertura sociais que partem de outros. Inflexibilidade de comportamento e extrema dificuldade com mudanças ou outros comportamentos restritos e

repetitivos interferindo fortemente no funcionamento em todas as esferas, grande sofrimento e dificuldade para mudar as ações ou o foco.

A seguir apresenta-se a temática do estresse presente na rotina de mães atípicas.

2.2 Estresse em mães atípicas

As necessidades de estratégias para proteger a saúde mental dos pais e conseqüentemente do indivíduo com TEA, se tornam cada vez mais notórias e necessárias. A família, além de enfrentar o luto da idealização do filho e o impacto emocional do diagnóstico, vivência desafios pessoais significativos, como a falta de compreensão dentro do próprio núcleo familiar e o sentimento de culpa por não conseguir administrar plenamente as emoções envolvidas. Esse processo os leva a refletir sobre o presente e o futuro, considerando o desenvolvimento do indivíduo, o início imediato de intervenções terapêuticas, a reorganização da rotina, os desafios financeiros, os anseios e as dúvidas. Diante dessas transformações, é essencial que a família se fortaleça e ressignifique sua trajetória, pois seu bem-estar influencia diretamente a criança. Sem um suporte adequado, como uma rede de apoio ou acompanhamento profissional, o estresse e a pressão podem se intensificar, dificultando a capacidade de lidar com essas demandas de maneira saudável e equilibrada. Sendo assim, para promover o bem-estar emocional e físico, é essencial buscar estratégias eficazes, além de programas e recursos que ofereçam suporte adequado a essas famílias, que necessitam continuamente de atenção e cuidado (Pinto; Constantinidis, 2020; Favero-Nunes; Santos, 2010; Luna *et al.*, 2023).

Segundo Begossi (2003), é fundamental garantir que mães atípicas tenham acesso a espaços de apoio, como grupos terapêuticos, programas de assistência social, acompanhamento psicoterápico, proporcionando suporte adequado às demandas que enfrentam. No entanto, a participação da sociedade é essencial para promover a inclusão e a aceitação das necessidades das crianças atípicas, ao fomentar uma cultura de compreensão e apoio, é possível reduzir estigmas e contribuir para a construção de um ambiente mais acolhedor e benéfico ao desenvolvimento familiar.

Para Silva (2019), é de importante que existam políticas públicas e legislações que assegurem a equidade aos serviços de saúde, educação e

assistência para as crianças que portam necessidades especiais, assim como, suas famílias. Incluindo a garantia de entrada a intervenções terapêuticas, programas de educação inclusiva e assistência financeira adequada, para auxiliar no suporte e cuidado da criança.

De acordo com Fung (2018), o autocuidado desempenha um papel crucial, sendo essencial que as mães reservem momentos em seu dia a dia para dedicar-se a si mesmas, seja através da prática de exercícios físicos, da realização de hobbies ou de dar uma pausa de suas responsabilidades e reservar um tempo livre. Entretanto, Begossi (2003) destaca que, na prática, as mães atípicas enfrentam dificuldades para reservar tempo para si mesmas, devido a estarem voltadas frequentemente aos cuidados e necessidades de seus filhos. Essa sobrecarga pode levar ao estresse e ao esgotamento, que acaba se tornando inviável encontrar momentos de descanso e autocuidado.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática de literatura a fim de investigar as repercussões do Estresse de Mães Atípicas. A revisão sistemática é caracterizada como a análise de estudos empíricos, com ênfase em pesquisas experimentais, visando sintetizar informações provenientes de diferentes investigações realizadas em vários contextos culturais (The Cochrane Collaboration, 2005).

3.1 Estratégias de busca

Foi realizada uma busca eletrônica de artigos científicos nacionais publicados e indexados nas seguintes bases de dados: Lilacs, SciELO, Pepsic e PubMed até o dia 18/05/2025. A estratégia de busca foi feita da seguinte forma: para a busca de artigos nacionais foi feita a busca nas bases de dados *Lilacs*, utilizando o descritor Autismo and Mães e na base de dados *SciELO* utilizando os descritores “Autismo and Mães”.

Inicialmente foi considerada a inclusão do termo Parentalidade, entretanto apareceu somente um caso, portanto esse descritor não foi utilizado. A partir da segunda busca nas bases de dados *Lilacs*, resultou em 65 artigos e na *SciELO* com 50 artigos, com os descritores Autismo and Mães, totalizando 115 artigos para iniciar

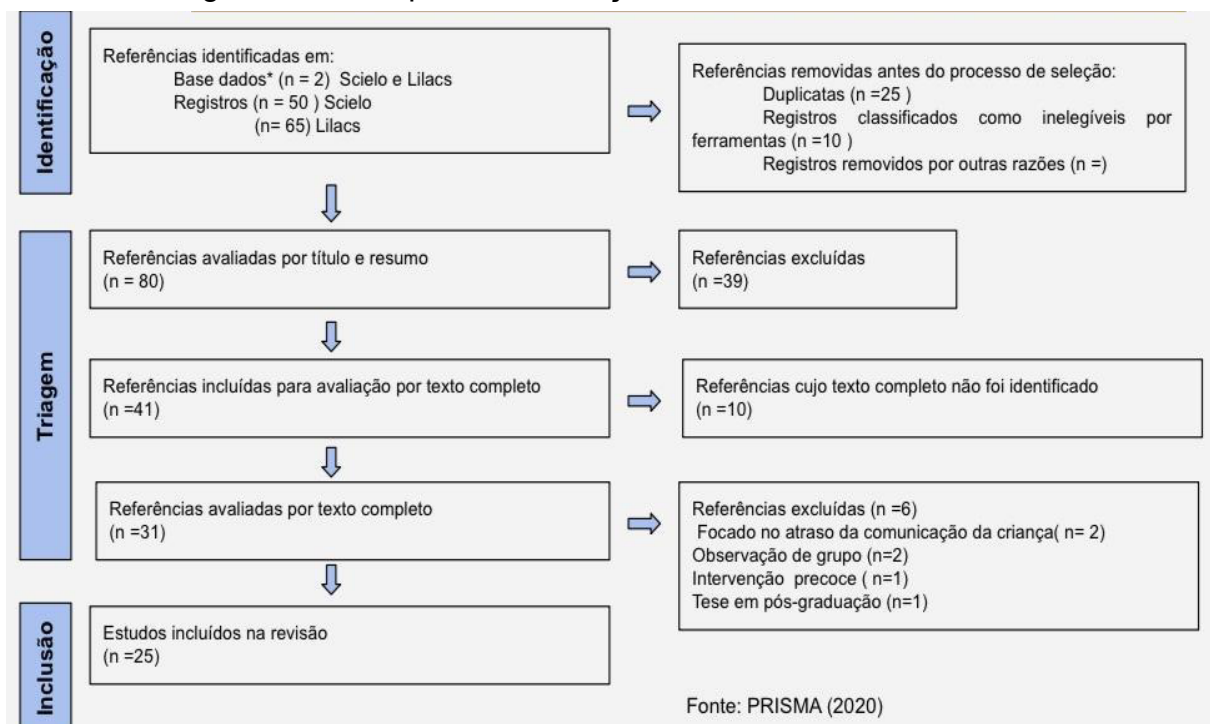
a revisão sistemática. Para seleção dos artigos que foram incluídos no presente estudo, foi realizada em um primeiro momento, a leitura do título e do resumo, para verificar se os mesmos se enquadram nos critérios de inclusão.

3.2 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos artigos publicados entre 2007 e 2024, abrangendo os últimos 17 anos, de acesso gratuito e disponíveis em português nas bases de dados Lilacs, SciELO, Pepsic e PubMed. A seleção considerou como tema central a abordagem com os seguintes descritores: “Autismo and Mães”, com o objetivo de verificar o estresse que as mães atípicas enfrentam diariamente.

A etapa final da triagem resultou na exclusão de seis artigos por não se adequarem ao escopo da pesquisa: dois abordavam especificamente no atraso da linguagem e comunicação do indivíduo, dois correspondiam a observações de grupo, uma voltada a temática da importância da intervenção precoce e outro, embora o título estivesse relacionado ao tema, referia-se a uma tese de pós-graduação, que não se enquadra no foco da presente análise. A partir da triagem realizada seguindo o protocolo PRISMA, resultou para a para análise de 25 artigos.

Figura 1 - Fluxo para identificação dos estudos desta revisão



Fonte: Embasados em Prisma (2020, p. 1)

5 ANÁLISE

A análise dos 25 artigos resultantes desta revisão sistemática, é apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 - Resumo dos 25 artigos da revisão sistemática

Base de Dados	Autores, ano, revista	Título	Metodologia	Resultados
Scielo	Danzmann, Lunardi e Smeha (2024) Psicologia em Estudo.	Olhar materno: O envolvimento do pai na vida do(a) filho (a) com autismo.	Pesquisa qualitativa, descritiva e transversal.	Na percepção das mães, o envolvimento paterno varia de caso a caso.
Scielo	Emílio e Portes (2024) Ciências Psicológicas.	Modelo híbrido de treinamento parental para mães de crianças pré-escolares com transtorno do espectro autista baseado na análise do comportamento aplicada para redução do estresse parental.	Ensaio clínico não randomizado (quase-experimental).	As mães do grupo de tratamento tiveram uma resposta positiva aos vídeos e materiais, porém não houve diferenças estatísticas de estresse significativas entre os grupos.
Scielo	Roiz e Figueiredo (2023) Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional.	O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista.	Estudo descritivo transversal de abordagem quanti qualitativa, com aplicação de escalas em mães.	As mães apresentaram problemas disfuncionais para o desempenho ocupacional, após o nascimento do filho.
Scielo	Soares <i>et al.</i> (2023) Divulgação de Pesquisa.	Participação Parental na Divulgação Científica sobre Transtorno do Espectro Autista.	Teórico-metodológico, com aplicação de questionário no formato online.	85% dos respondentes responsáveis foram do gênero feminino, com início e uma análise quali-quantitativa, mostrou-se imprescindível que a divulgação científica sobre o TEA é uma importante ferramenta de comunicação.
Lilacs	Luna <i>et al.</i> (2023) Revista de Enfermagem	Percepções de mães de crianças com autismo sob rede apoiadora e	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo.	Cabe às mães toda logística toda de acompanhamento. Portanto, há

	da UFPI.	estratégias de cuidado consigo.		necessidade de espaços que ofereçam atividades de bem-estar, visto a sobrecarga e a limitada rede de apoio disponível.
Pepsic	Alves, Gameiro e Biazzi. (2022) Artigo de Revisão.	Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: Revisão nacional.	Revisão Sistemática.	Foi evidenciado que as mães são afetadas de forma significativa pelo estresse com predominância de sintomas psicológicos e prevalência de fases alarmantes.
Scielo	Freitas, Gaudenzi (2022) Temas Livres.	“Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube.	Metodologia Qualitativa, com base em uma construção narrativa através das pesquisadoras.	Os vídeos analisados trazem resultados que as mães atípicas procuram por vídeos sobre o impacto do diagnóstico, vivências e experiências e cuidados em comum.
Scielo	Lemos e Salomão (2022) Psicologia, Teoria e Pesquisa.	Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico.	Abordagem qualitativa e caráter descritivo.	Os resultados evidenciaram que as atividades, a rede de apoio e as concepções descritas pelos participantes funcionam como fatores protetivos, mesmo diante de fatores de risco em seu desenvolvimento.
Scielo	Lopes (2020) Revista Brasileira de Educação Especial.	Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008.	Análise de duas autobiografias elaboradas por mães atípicas entre os anos 70 e 80.	Os documentos analisados destacam o papel essencial da família na criação de uma rede inicial de proteção ao autismo em um momento de transição democrática no país.
Scielo	Portes e Vieira (2020) Psicologia em Estudo.	Coparentalidade no contexto familiar de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Caráter exploratória e descritiva com uma abordagem qualitativa para análise de dados.	Foi evidenciado um desequilíbrio de divisão de tarefas devido aos parceiros, que desencadeia o estresse nas mães sobre o cuidado do filho. Entretanto reconhecem o esforço nas atividades parentais.
Scielo	Azevedo, Cia e Spinazola	Correlação entre o Relacionamento	Delineamento correlacional.	Quanto maior o cônjuge avaliava de forma

	(2019) Revista Brasileira de Educação Especial.	Conjugal, Rotina Familiar, Suporte Social, Necessidades e Qualidade de Vida de Pais e Mães de Crianças com Deficiência.		positiva seu companheiro, menor era a necessidade dos pais, entretanto quanto mais os pais apresentavam características que não agradavam seu cônjuge, menores eram os suportes sociais disponíveis.
Scielo	Fadda e Cury (2019) Psicologia, Teoria e Pesquisa.	A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo.	Fenomenologia de Edmund Husserl.	Nos resultados aparecem 5 elementos importantes separados em categorias A,B, C, D e E.
Scielo	Correa, Simas e Portes (2018) Revista Brasileira de Educação Especial.	Metas de Socialização e Estratégias de Ação de Mães de Crianças com Suspeita de Transtorno do Espectro Autista.	Exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa.	A categoria mais almejada foi a de autoaperfeiçoamento que reflete a autonomia e independência.
Scielo	Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018) Psico-USF.	Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo.	Pesquisa Qualitativa.	Os resultados confirmam os impactos do TEA na rotina destas mães, os desafios enfrentados e a importância de uma rede de apoio.
Scielo	Moxotó e Malagris (2015) Psicologia Reflexão e Crítica.	Avaliação de Treino de Controle do Estresse para Mães de Crianças com Transtornos do Espectro Autista.	Amostra Experimental e Controle e aplicação de testes.	O teste aplicado no grupo AE se mostrou eficaz na redução do treino controle do Estresse.
Scielo	Ebert, Lorenzini e Silva (2015) Revista Gaúcha de Enfermagem.	Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias.	Estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa.	As mães apresentam alterações no comportamento\ desenvolvimento além de enfrentarem desafios pela busca de serviços à saúde.
Scielo	Segeren e Françoze (2014) Psicologia em Estudo.	As vivências de Mães de Jovens Autistas.	Pesquisa Qualitativa.	O diagnóstico foi dado de forma abrangente, ressaltando as dificuldades no desenvolvimento da criança, as mães mudaram sua rotina para assumir o cuidado do filho e a evitação de alguns ambientes.

Scielo	Smeha e Cezar (2011) Psicologia em Estudo.	A Vivência da maternidade de mães com crianças com Autismo.	Abordagem qualitativa de cunho descritivo	A vivência é uma experiência desafiadora para estas mães, que acabam se afastando de seus empregos, vida social e relações afetivas.
Scielo	Favero-Nunes e Santos (2010) Revista Latino-Am. Enfermagem.	Depressão e qualidade de vida em mães de crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento.	Estudo exploratório, descritivo e transversal e testes.	A qualidade de vida se associou positivamente com renda familiar e nível de instrução e, negativamente, com depressão.
Scielo	Fávero-Nunes e Santos (2010) Psicologia Reflexão e Crítica.	Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico.	Estudo descritivo de corte transversal.	Longas jornadas em busca de serviço de saúde, modos de lidar com a dificuldade da criança, sobrecarga emocional materna e desamparo sobre o futuro da criança.
Scielo	Schmidt, Dell'Aglio e Bosa (2007) Psicologia Reflexão e Crítica.	Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção.	Entrevista semi-estrutura da, a qual foi transcrita e analisada com base na Análise de Conteúdo.	Estresse e adaptação materna.
Pepsic	Lemos, Nunes e Salomão (2021) Pensando em famílias.	Grupo Focal com Mães de Adolescentes com Autismo à Luz do Modelo Bioecológico.	Abordagem qualitativa e caráter descritivo, por meio da técnica de grupo focal.	Necessidade de espaços para as mães compartilharem suas experiências e recursos que possam favorecer estratégias de suporte e enfrentamento.
Pepsic	Pinto e Constantinidis (2020) Revista Psicologia e Saúde.	Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista.	Revisão integrativa.	Sobrecarga emocional com enfrentamento, perda do filho idealizado, estresse, medo entre outros.
Pepsic	Chaim, Neto e Costa (2020) Revista da Abordagem Gestáltica.	Fenomenologia da qualidade de vida de mães de crianças autistas	Empírico, qualitativo e fundamentado.	Observou-se que cada mãe dispõe de um fator subjetivo para relatar sua experiência.
Biblioteca Virtual em Saúde	Faro <i>et al.</i> (2019) Revista Psico.	Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte	A pesquisa foi de natureza quantitativa e descritiva, com	Mães com estresse têm o dobro de sobrecarga. Aspectos de afetividade, autonomia em relação

		familiar.	aplicação de testes.	aos familiares.
--	--	-----------	----------------------	-----------------

Fonte: Elaboração própria (2025).

5.1 Caracterização dos Artigos

Os estudos analisados foram ordenados em três categorias principais: (a) Mães atípicas e suas experiências, adaptação e desafios; (b) Parentalidade, analisando as dinâmicas familiares, a rotina e as demandas; e (c) O impacto da sobrecarga emocional e o estresse nas mães. A classificação surgiu a partir da análise dos artigos selecionados, mostrando padrões e temas recorrentes que permeiam a literatura sobre o assunto. A seguir, no Quadro 4, expõe-se a caracterização detalhada dos artigos selecionados, permitindo uma percepção mais minuciosa sobre os enfoques executados na pesquisa.

Quadro 4 - Categorias e estudos correspondentes

Categorias	Estudos
Mães atípicas, suas experiências, adaptação e desafios	Roiz e Figueiredo (2023); Luna <i>et al.</i> (2023); Lemos e Salomão (2022); Lemos, Nunes e Salomão (2021); Chaim, Neto e Costa (2020); Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018); Ebert, Lorenzini e Silva (2015); Segeren e Françoze (2014); Smeha e Cezar (2011); Fávero-Nunes e Santos (2010); Lopes (2020).
Parentalidade e as dinâmicas familiares	Danzmann, Lunardi e Smeha (2024); Soares <i>et al.</i> (2023); Portes e Vieira (2020); Azevedo, Cia e Spinazzola (2019); Fadda e Cury (2019); Correa, Simas e Portes (2018).
Impacto da sobrecarga emocional e o estresse nas mães	Emílio e Portes (2024); Alves, Gameiro e Biazzi (2022); Freitas e Gaudenzi (2022); Moxotó e Malagris (2015); Favero-Nunes e Santos (2010); Schmidt, Dell’Aglío e Bosa (2007); Pinto e Constantinidis (2020); Faro <i>et al.</i> (2019).

Fonte: Elaboração própria (2025).

A seguir é apresentada a discussão do artigo.

5.2 Discussão

Esta seção está estruturada em categorias analíticas para aprimorar a compreensão dos aspectos abordados. Contudo, é essencial ressaltar que as dimensões possuem conexões intrínsecas e de forma constante apresentam semelhanças. A seguir, são descritas as principais características apontadas.

5.3 Mães atípicas, suas experiências, adaptação e desafios

Observa-se que foram selecionados 8 artigos da base de dados da Scielo, e 3 artigos da base de dados da Lilacs, a partir do pressuposto da divisão de categorias, especificamente da análise das mães e suas experiências, adaptação e desafios vivenciados durante seu dia a dia.

De acordo com os dados de Fávero-Nunes e Santos (2010), foram encontrados em sua pesquisa, quatro núcleos temáticos, sendo eles: Trajetória materna para conhecer o problema da criança, marcada por um movimento de peregrinação por serviços de saúde, modos de lidar com as dificuldades da criança, sobrecarga emocional materna e desamparo quanto ao futuro da criança. Os pesquisadores Ebert, Lorenzini e Silva (2015), destacam em seus estudos que as mães apresentam alterações no comportamento/ desenvolvimento, além de enfrentarem desafios recorrentes de peregrinação pelos serviços de saúde e pela busca de diagnóstico do filho, nota-se que mesmo após cinco anos, essa peregrinação permanece sem solução definitiva, evidenciando a persistência desta problemática.

Lopes (2020), realizou uma análise de documentos abrangentes sobre Autismo, Narrativas maternas e Ativismo no período de 1970 até 2008. Apesar da distância temporal das narrativas, é possível verificar elementos em comum entre elas, como as motivações para escrever sobre o assunto, o papel das associações de mães e pais de autistas e as dificuldades em encontrar serviços adequados para as necessidades de seus filhos (Lopes, 2020).

Ao que se refere à adequação, às mães estavam adaptadas a seus filhos, porém os pesquisadores avaliaram a presença de problemas funcionais para o desempenho ocupacional após o nascimento deles, problemas a respeito da produtividade, especificamente no trabalho, por conta das demandas de cuidados com o filho (Roiz; Figueiredo 2023), o que se associa com a pesquisa de Smeha e Cezar (2011), que destacam a experiência desafiadora na vivências destas mães, que acabam renunciando a sua carreira profissional, a sua vida social e as relações afetivas, em prol dos cuidados maternos.

Luna *et al.* (2023), salientam que perante a necessidade terapêutica dos filhos, cabe às mães toda a logística de acompanhamento da família. Além disso, elas expressam a necessidade de espaços dedicados ao autocuidado, abrangendo atividades físicas, meditação ou alongamentos e cuidados estéticos, pois devido à sobrecarga a qual enfrentam e sem rede de apoio oferecidas a elas. E mais, os locais terapêuticos poderiam oferecer esses espaços, enquanto estas mães esperam na recepção. Neste mesmo ano, Ruiz e Figueiredo reforçam, que em suas pesquisas na categoria autocuidado, algumas mães indicaram problemas, como por exemplo, pouca oportunidade para realizar atividade física, leitura, viajar ou visitar amigos. Anteriormente, Lemos, Nunes e Salomão (2021) já haviam apontado sobre a importância e necessidade destas mães de terem espaços para compartilharem suas experiências, conhecimentos e recursos que pudessem orientá-las em estratégias e suporte de enfrentamento. Já em 2022, Lemos e Salomão, aprofundaram essa análise ao investigar os impactos do Transtorno Autista em jovens e suas mães a partir de um modelo biológico. Os resultados indicaram que as atividades, a rede de apoio e as concepções descritas pelos participantes, funcionam como fatores protetivos, mesmo diante de fatores de risco em seu desenvolvimento.

Chaim, Neto e Costa (2020), observaram que cada mãe relata sua experiência de maneira única, a partir de seus aspectos subjetivos. Entretanto, para Segeren e Françoze (2014) os estudos mostraram que as mães mudaram suas rotinas para assumir o cuidado integral de seu filho. Além disso, Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018) ressaltam que os resultados de sua pesquisa corroboram com os dados da literatura quanto ao impacto do autismo no cotidiano dessas mães e aos encargos enfrentados.

5.4 Parentalidade e as dinâmicas familiares

Portes e Vieira (2020) em sua pesquisa constataram um desequilíbrio de divisão de tarefas entre mães e pais de filhos autistas. Além disso, 85% dos respondentes responsáveis que participaram da pesquisa de Soares *et al.* (2023), foram mulheres, tal resultado salienta o papel histórico e social do cuidado familiar atribuído às mães. Segundo Danzmann, Lunardi e Smeha (2024), verificaram que na percepção das mães, o envolvimento de seus parceiros varia de caso a caso, por

vezes tendo harmonia e diálogo entre o casal, mas na ausência desse envolvimento e da não aceitação pelo diagnóstico da criança, a mãe tendia consequentemente a assumir mais ainda as responsabilidades do seu filho. Confirmando os achados de Portes e Vieira (2020) por um lado, em sua pesquisa evidencia que os cônjuges reconhecem o suporte parental e os esforços da parceira (o) nas atividades parentais, com poucos momentos de sabotagem do(a) parceiro(a) e exposição da criança aos conflitos deles.

Além disso, Azevedo, Cia e Spinazzola (2019) em sua pesquisa sobre a correlação entre o Relacionamento conjugal, Rotina familiar, Suporte social, Necessidades e Qualidade de vida de Pais e Mães de Crianças com Deficiência, resultou que quanto maior foi a disponibilidade de recursos no ambiente familiar, mais harmoniosas eram as relações conjugais, reduzindo a aceitação de características negativas sobre o cônjuge. Quanto às necessidades dos respectivos participantes, foi revelado que quanto melhor era a avaliação do parceiro (a), menores eram as necessidades dos casais, entretanto, no que se refere ao suporte social, verificou-se que quanto mais os pais apresentavam comportamentos que desagradam seus cônjuges, menor era o apoio social disponível entre eles. Correa, Simas e Portes (2018) contribuíram com seus resultados, para a literatura da área e corroboram com a importância de esclarecer sobre as características de desenvolvimento da criança com TEA para os pais e como eles podem agir em prol da autonomia da criança.

Conclui-se, a partir das fontes estudadas, que a relação entre os pais com seus filhos diagnosticados com TEA, apresenta inicialmente sentimento de esgotamento, solidão, desamparo e vulnerabilidade, porém Fadda e Curry (2019), ressaltam a importância da exploração de outros significados dentro do relacionamento, mostrando que os casais começam a despertar para novos caminhos.

5.5 Impacto da sobrecarga emocional e o estresse nas mães

Schmidt, Dell'Aglio e Bosa (2007) apresentam um estudo cujos achados permanecem atuais ao evidenciar os desafios enfrentados pelas mães nos cuidados de seus filhos. A pesquisa salienta que as mulheres estudadas recorrem a diferentes tipos de estratégias para lidar com as exigências emocionais e práticas da

maternidade, incluindo inação e evitação. Foi observado, ainda, que a mãe é a principal responsável pela maioria dos cuidados como alimentação, consultas médicas, vestimentas, medicação, assumindo 50,7% das responsabilidades. Esses dados reforçam a sobrecarga materna.

Favero-Nunes e Santos (2010), verificaram que 15% das mães atípicas preencheram os critérios para disforia ou depressão, enquanto 70% avaliaram favoravelmente sua qualidade de vida global. No entanto, apenas 40% delas estavam “satisfeitas” com sua saúde. A qualidade de vida se associou positivamente à renda familiar e ao nível de instrução, ao passo que a depressão exerce impacto negativo sobre esses aspectos. Por fim, Alves, Gameiro e Biazzi (2022), evidenciam que as mães são afetadas significativamente pelo estresse, com predominância de sintomas psicológicos e a prevalência de fases alarmantes de estresse.

Para Faro, Santos e Bosa (2019) os resultados revelaram que, mães com estresse tiveram quase o dobro de percepção de sobrecarga, enquanto àquelas sem estresse perceberam maior suporte familiar, principalmente nos aspectos de afetividade e autonomia em relação aos familiares, como expressão e comunicação de afetos e respeito pela sua liberdade e tomadas de decisões. Sendo assim, a sobrecarga emocional com o enfrentamento dessa fase, a perda do filho idealizado, confusão de sentimentos, medo, estresse, ter de lidar com o preconceito, assim como a necessidade dessa mãe em ter auxílio no cuidado com o filho foram evidenciados por Faro *et al.* (2019).

Moxotó e Malagris (2015), avaliaram a eficácia do Treino de Controle do Stress para as mães atípicas. A pesquisa comparou a presença de níveis de Estresse em 20 participantes divididos entre um grupo experimental e um grupo controle. Os resultados indicaram que, ao final da intervenção, sete das dez mães do grupo experimental, apresentaram 70% ausência de estresse, enquanto as outras três participantes demonstraram 30% de redução dos sintomas. Em contrapartida, todas as mães do grupo controle permaneceram estressadas, reforçando a importância de estratégias estruturadas para minimizar a sobrecarga emocional dessas mulheres.

Freitas e Gaudenzi (2022), as narrativas analisadas foram produzidas e compartilhadas por meio de vídeos no Youtube na experiência materna, nos quais mães de crianças atípicas visam buscar conteúdos sobre o impacto do diagnóstico,

vivências compartilhadas e práticas de cuidado. Os resultados evidenciam que essas mulheres priorizam vídeos que se mostraram um importante meio de identificação, permitindo a troca de experiências, destacando os desafios emocionais como o luto do filho ideal e apoio emocional entre essas mulheres. Nesse contexto, Emílio e Portes (2024) desenvolveram um modelo híbrido de treinamento parental, voltado para mães de crianças com TEA, no método ABA para redução do estresse parental. Os resultados indicaram que as participantes do grupo de tratamento demonstraram maior receptividade aos vídeos e matérias abordadas. Apesar disso, não foi identificada alguma diferença estatística significativa na redução do nível de estresse entre os grupos observados. Portanto, os pesquisadores enfatizam a necessidade de conduzir estudos adicionais, que aprofundem esta temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo comparar as repercussões do estresse em mães com indivíduos autistas. Os resultados indicaram três categorias principais, sendo os impactos da sobrecarga emocional, a parentalidade e as dinâmicas familiares, as experiências vivenciadas, adaptações e estratégias de enfrentamento.

Os resultados obtidos desta revisão da literatura, englobando estudos publicados entre 2007 até 2024, apontam que, algumas pesquisas foram fundamentais para o mapeamento do estresse materno e suas repercussões.

Na categoria Mães atípicas, suas experiências, adaptação e desafios, os resultados indicam que a sobrecarga emocional materna e desamparo quanto ao futuro da criança, o papel das associações de mães e pais de autistas e as dificuldades em encontrar serviços adequados para as necessidades de seus filhos, as mães apresentam alterações no comportamento/ desenvolvimento, além de enfrentarem desafios recorrentes de peregrinação pelos serviços de saúde. Nesse sentido, cabe às mães a logística de acompanhamento da família. Assim, mães acabam renunciando a sua carreira profissional, a sua vida social e as relações afetivas, em prol dos cuidados maternos. As atividades, a rede de apoio e as concepções descritas pelos participantes, funcionam como fatores protetivos. Também foi evidenciado para as mães pouca oportunidade para realizar atividade

física, leitura, viajar ou visitar amigos, bem como as mães mudaram suas rotinas para assumir o cuidado integral de seu filho.

Na categoria Parentalidade e as dinâmicas familiares os resultados indicam um desequilíbrio de divisão de tarefas entre mães e pais de filhos autistas. No entanto, os cônjuges demonstram reconhecimento pelo suporte parental e os esforços da parceira (o) nas atividades parentais. Observou-se que quanto maior foi a disponibilidade de recursos no ambiente familiar, mais harmoniosas eram as relações conjugais. A relação entre os pais com seus filhos diagnosticados com TEA, apresenta inicialmente sentimento de esgotamento, solidão, desamparo e vulnerabilidade. Contudo, ressaltam a importância da exploração de outros significados dentro do relacionamento.

Na categoria Impacto da sobrecarga emocional e o estresse nas mães, os resultados indicam que os resultados das análises salientam o papel histórico e social do cuidado familiar atribuído às mães. Indicaram também que mães que vivenciam altos níveis de estresse tendem a apresentar o dobro da sobrecarga emocional, afetando aspectos como autonomia e relações familiares. Além disso, ficou claro que os impactos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rotina materna são evidentes, tornando essencial a existência de redes de apoio que proporcionem suporte psicológico e social.

As mães enfrentam sobrecarga emocional, confusão de sentimentos, medo, estresse, ter de lidar com o preconceito, assim como a necessidade em ter auxílio no cuidado com a criança e os desafios emocionais como o luto do filho ideal.

A partir desta análise sistemática dos estudos brasileiros sobre a repercussão do estresse em mães de indivíduos autistas, verificou-se uma lacuna de pesquisas que abordem essa temática de uma forma ampla.

Embora este estudo tenha sido desenvolvido a partir de duas bases de dados Scielo e Lilacs, reconhece-se que sua ampliação para outras fontes e bases poderia enriquecer ainda mais os resultados. Espera-se que esta análise contribua para a atuação de profissionais, proporcionando um aprofundamento do conhecimento acerca desse público e incentive novos estudos sobre a experiência atípica. A continuidade das pesquisas poderá possibilitar uma identificação mais clara de fatores que auxiliem a medição do estresse, além de promover estratégias eficazes para o fortalecimento da saúde e bem-estar dessas mães.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. C. **Sobrecarga materna**: Um olhar para as cuidadoras das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2023. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023.
- ALVES, J. S.; GAMEIRO, A. C. P.; BIAZI, P. H. G.. Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: Revisão nacional. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 412-424, 2022.
- ASSUMPÇÃO JR, F. B.; PIMENTEL, A. C. M.. Autismo infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 37–39, dez. 2000.
- Asperger, H. (1991). Autistic psychopathy in childhood. In U. Frith (Ed.), *Autism and Asperger syndrome* (pp. 37-92). Londres: Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 1944).
- ARAUJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais: o DSM-5. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 67-82, abr. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jun. 2025.
- AZEVEDO, T. L. DE; CIA, F.; SPINAZOLA, C. DE C.. Correlação entre o Relacionamento Conjugal, Rotina Familiar, Suporte Social, Necessidades e Qualidade de Vida de Pais e Mães de Crianças com Deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 2, p. 205–218, 2019.
- APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5o edição. Texto Revisado. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5-TR Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5o edição. Texto Revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- BEGOSSI, J.. **O luto do filho perfeito**: um estudo psicológico sobre os sentimentos vivenciados por mães com filhos portadores de paralisia cerebral. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2003.
- BENEDICTO, Rubia Paixão et al . Analysis of evolution of mental and behavioral disorders through International Classification of Diseases review. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 9, n. 1, p. 25-32, abr. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762013000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jun. 2025.

CONSTANTINIDIS, T. C.; SILVA, L. C. DA .; RIBEIRO, M. C. C.. “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. **Psico-USF**, v. 23, n. 1, p. 47–58, 2018.

CORREA, B.; SIMAS, F.; PORTES, J. R. M.. Metas de Socialização e Estratégias de Ação de Mães de Crianças com Suspeita de Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 2, p. 293–308, 2018.

CHAIM, M. P. M.; NETO, S. B.; COSTA, V. E.. Fenomenologia da qualidade de vida de mães de crianças autistas. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 24, n. 3, p. 122-134, 2018.

DANZMANN, P. S.; LUNARDI, R. V.; SMEHA, L. N.. Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do (a) filho (a) com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 29, p. e55626, 2024.

DIAS, S.. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 2, p. 307–313, jun. 2015.

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Questões entre a psicanálise e o DSM. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 47, n. 87, p. 79-107, dez. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jun. 2025.

EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. F. da. Mothers of children with autistic disorder: perceptions and trajectories. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 49–55, jan. 2015.

VASILOPOULOU, E.; NISBET, J. The quality of life of parents of children with autism spectrum disorder: a systematic review. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 23, p. 36-49, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2015.11.008>. Acesso em: 23 jun. 2025.

VARGAS, Rosanita Moschini; SCHMIDT, Carlo. Autismo e esquizofrenia: compreendendo diferentes condições. **Anais EducaSul: Florianópolis**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/edeal/images/ARTIGOS/Rosanita%20Moschini%20Vargas.pdf>, 2011.

EVÊNCIO, K. M.; FERNANDES, G. P. História do autismo: compreensões iniciais. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 13, n. 47, p. 133-138, 2019.

Emilio, A. R., & Portes, J. R. M. (2024). Modelo híbrido de treinamento parental para mães de crianças pré-escolares com transtorno do espectro autista baseado na análise do comportamento aplicada para redução do estresse parental. **Ciências Psicológicas**, 18(2), e3285. <https://doi.org/10.22235/cp.v18i.2.3285>

FADDA, G. M.; CURY, V. E.. A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, n. spe, p. e35nspe2, 2019.

FÁVERO-NUNES, M. Â.; SANTOS, M. A. DOS .. Depression and quality of life in mothers of children with pervasive developmental disorders. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 33–40, jan. 2010.

FÁVERO, M. Â. B.; SANTOS, M. A. DOS .. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 358–369, set. 2005.

FARO, K. C. A.; SANTOS, R. B.; BOSA, C. A.; WAGNER, A.; DA COSTA SILVA, S. S. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**, v. 50, n. 2, p. e30080-e30080, 2019.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R.. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, p. e200027, 2020.

FREITAS, B. M. S.; GAUDENZI, P.. “Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 1595–1604, 2022.

Fung, K., Lake, J., Steel, L., Bryce, K., & Lunsy, Y. (2018). Processos de ACT em intervenção em grupo para mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Journal of autism and developmental disorders** , 48(8), 2740-2747.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T.. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83–94, abr. 2004.

GORIN, Michelle Christof et al . O estatuto contemporâneo da parentalidade. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201500020002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jun. 2025.

Hastings, RP: Ajustamento Comportamental de Irmãos de Crianças com Autismo Envolvidos em Programas de Intervenção Precoce de Análise do Comportamento Aplicada: O Papel Moderador do Apoio Social. **J Autism Dev Disord** 33 , 141–150 (2003). <https://doi.org/10.1023/A:1022983209004>

Houzel, Didier. As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe**. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, 217-250.

KINTOPE, Larissa Oro; BORGES, Raphaela de Souza. EMPODERANDO MÃES ATÍPICAS: UM ESTUDO DE CAMPO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA NA MATERNIDADE ATÍPICA. **Journal of Media Critiques**, [S. l.], v. 6, n. 18, p.

21–36, 2020. DOI: 10.17349/jmcv6n18-002. Disponível em: <https://journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/28>. Acesso em: 25 jun. 2025.

KLIN, A.. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 3-11, 2006.

LUNA, A. W. N.; MELO, M. C. P. de; SANTOS, A. D. B. dos; CALADO, J. I. F.; SANTOS, M. V. P. dos. Perceptions of mothers of children with autism about a support network and self-care strategies. **Revista Enfermagem UFPI**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2023. DOI: 10.26694/reufpi.v12i1.4284. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4284>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LEMOS, E. L. DE M. D.; SALOMÃO, N. M. R.. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 38, p. e38312, 2022.

LEMOS, E. L. de M. D.; NUNES, L. de L.; SALOMÃO, N. M. R.. Grupo focal com mães de adolescentes com autismo à luz do modelo bioecológico. **Pensando famílias**, v. 25, n. 2, p. 143-158, 2021.

LOPES, B. A.. Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 20081. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 3, p. 511–526, jul. 2020.

MATSUKURA, T. S., MARTURANO, E. M., OISHI, J., & BORASCHE, B. Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 3, p. 415-428, 2007. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382007000300008>.

Matsukura, T., & Sime, M. (2008), Demandas e expectativas de famílias de crianças com necessidades especiais: de situações do cotidiano aos técnicos envolvidos no tratamento. **Temas sobre Desenvolvimento**, 16(94):214-220.

MISQUIATTI, A. R. N.; BRITO, M. C.; FERREIRA, F. T. S.; ASSUMPÇÃO, F. B. JUNIOR. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação**, v. 17, n. 1, p. 192-199, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201520413>. Acesso em: 23 jun. 2025.

MOXOTÓ, G. DE F. A.; MALAGRIS, L. E. N.. Avaliação de Treino de Controle do Stress para Mães de Crianças com Transtornos do Espectro Autista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 772–779, 2015.

Mugno, D., Ruta, L., D'Arrigo, VG *et al.* Comprometimento da qualidade de vida em pais de crianças e adolescentes com transtorno global do desenvolvimento. **Health Qual Life Outcomes** 5 , 22 (2007). <https://doi.org/10.1186/1477-7525-5-22>

PORTES, J. R. M.; VIEIRA, M. L.. Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e44897, 2020.

PINTO, A. S.; CONSTANTINIDIS, T. C.. Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande , v. 12, n. 2, p. 89-103, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 abr. 2025.

PICCOLO, G. M. Do pensamento autístico de Eugen Bleuler ao DSM-V: a construção epistemológica do autismo e a explosão de sua manifestação. **SciELO Preprints**, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.8383. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8383>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Racamier, P. C., Sens, C., & Carretier, L. (1961). La mère et l'enfant das les psychoses du post-partum. *L'évolution psychiatrique*, 26(4), 525-557.

ROIZ, R. G.; FIGUEIREDO, M. de O.. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, p. e3304, 2023.

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E.. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Wak, 2021.

SEGEREN, L.; FRANÇOZO, M. DE F. DE C.. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 39–46, jan. 2014.

STELZER, F. G. **Uma pequena história do autismo** (Vol. 1). São Leopoldo, RS: Associação Mantenedora Pandorga, 2010.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K.. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43–50, 2011.

SILVA, L. S. DA .; FURTADO, L. A. R.. O sujeito autista na Rede SUS: (im)possibilidade de cuidado . Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 119–129, maio 2019.

SCHMIDT, C.; DELL'AGLIO, D. D.; BOSA, C. A.. Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 124–131, 2007.

SOARES, M.; OLIVEIRA, B. H. D.; BEZZON, R. Z.; BIZERRA, A. Participação parental na divulgação científica sobre transtorno do espectro autista (tea). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e0125, 2023.

TAMANAH, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M.. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 296–299, 2008.

TEIXEIRA, M. C. (org.). **Maternidade e autismo: desafios e aprendizados**. 2020. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020.

Scholten, R. J., Clarke, M., & Hetherington, J. (2005). The Cochrane Collaboration. ***European journal of clinical nutrition***, 59 Suppl 1, S147–S196. <https://doi.org/10.1038/sj.ejcn.1602188>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Classificação Internacional de Doenças (CID-11), 2025. Disponível em: <https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Yamada, A., Kato, M., Suzuki, M. *et al.* Qualidade de vida de pais que criam filhos com transtornos globais do desenvolvimento. *BMC Psychiatry* 12 , 119 (2012). <https://doi.org/10.1186/1471-244X-12-119>